



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA PAULO VI AOS PARTICIPANTES DO «SYMPOSIUM» SOBRE A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Sábado, 4 de Abril de 1970

Caros Senhores

Sentimo-Nos muito sensibilizados com as palavras afectuosas e confiantes que o Reverendo Padre Dhanis acaba de pronunciar em vosso nome, e agradecemos ao Senhor este encontro que Nos proporcionou com especialistas altamente qualificados de exegese, de teologia e de filosofia, que fraternamente vieram apresentar as suas investigações sobre o mistério da Ressurreição de Cristo.

Sim, sentimos realmente grande alegria com esta reunião, facilitada pela amável hospitalidade do Instituto «São Domingos», e congratulamo-Nos com os responsáveis e com todos os que nela tomam parte, acolhendo-os aqui com todo o coração, feliz por lhes exprimirmos, com a nossa elevada estima, a nossa particular benevolência e os nossos mais vivos encorajamentos.

Para corresponder à vossa expectativa, quereríamos, com toda a simplicidade, apresentar-vos alguns pensamentos que nos são sugeridos por este tema capital da Ressurreição de Jesus, que vós escolhestes tão felizmente como objecto dos vossos trabalhos.

1) É necessário que vos manifestemos, desde já, a importância radical que Nós damos a este estudo, como todos os nossos filhos e irmãos cristãos e, será ousado dizer, mais do que todos eles, no lugar onde o Senhor nos colocou na sua Igreja, como testemunha e guarda privilegiada da fé? Vós estais todos persuadidos disso!

Toda a história evangélica, porventura não tem por centro a Ressurreição? Sem ela, que seria dos próprios evangelhos que anunciam «a Boa Nova de Jesus»? Não encontramos nós, ali, a origem de toda a pregação cristã, desde o primeiro «*kerigma*», que é precisamente o testemunho da Ressurreição? (Cfr. *Act 2, 32*).

Não é ela sempre o polo de toda a epistemologia da fé, sem a qual perderia a sua consistência, segundo as próprias palavras do apóstolo São Paulo: «Se Cristo não ressuscitou..., vã é a vossa fé» (Cfr. *1 Cor 15, 14*) ?

Não é a própria Ressurreição que, por si mesma, dá sentido à liturgia, às nossas «Eucaristias», assegurando-nos a presença do Ressuscitado que nós celebramos na acção de graças: «Nós proclamámos a tua morte, Senhor Jesus, nós celebrámos a tua Ressurreição, nós esperamos a tua vinda na glória» (*Anamnese*) ?

Sim, toda a esperança cristã está fundada na Ressurreição de Cristo sobre a qual está «ancorada» a nossa própria ressurreição com ele. Muito mais, já ressuscitámos com ele (Cfr. *Col. 3, 1*): toda a nossa vida cristã está tecida por esta inabalável certeza e por esta realidade escondida, com a alegria e o dinamismo que elas criam.

2) Não é para admirar que um mistério assim, tão fundamental para a nossa fé, tão prodigioso para a nossa inteligência, tenha suscitado sempre, com o interesse apaixonado dos exegetas, uma contestação multiforme, ao longo de toda a história. Este fenómeno já se manifestava durante a vida do evangelista São João, o qual considerava necessário explicar que Tomé, o incrédulo, tinha sido convidado a tocar com as suas mãos o sinal deixado pelos pregos e o lado aberto do Verbo da Vida Ressuscitado (Cfr. *Jo. 20, 24-29*).

Como não evocar desde então, as tentativas de uma gnose sempre renascente em formas múltiplas, para penetrar este mistério com todos os recursos do espírito humano, e esforçar-se também por o reduzir às dimensões de categorias absolutamente humanas? Tentações bem compreensíveis, certamente, e sem dúvida inevitáveis, mas da qual uma propensão temível tende a privar insensivelmente de todas as suas riquezas e do seu alcance aquilo que, acima de tudo, é um facto: a Ressurreição do Salvador.

Hoje mesmo – e não é certamente a vós que temos necessidade de o recordar – vemos esta tendência manifestar as suas últimas consequências dramáticas, chegando quase a negar, nos fiéis que se dizem cristãos, o valor histórico dos testemunhos inspirados ou, mais recentemente, interpretando de maneira puramente mítica, espiritual ou moral, a Ressurreição física de Jesus. Como haveríamos nós de não experimentar profundamente o efeito dissolvente destas discussões deletérias, feitas por tantos fiéis? Mas, proclamamo-lo com força: é sem receio que Nós consideramos tudo isto, porque, hoje como ontem, o testemunho «dos Onze e dos seus companheiros» é capaz, com a graça do Espírito Santo, de suscitar a verdadeira fé: «É bem verdade! O Senhor ressuscitou, e apareceu a Pedro » (*Lc., 24, 34-35*).

3) É com estes pensamentos que Nós observamos com grande respeito o trabalho hermenêutico e exegético que homens de ciência, qualificados como vós, fazem sobre este tema fundamental. Este propósito é conforme aos princípios e às normas que a Igreja católica estabeleceu para os estudos bíblicos; basta-Nos aqui recordar as Encíclicas, bem conhecidas dos nossos predecessores: «*Providentissimus Deus*», de Leão XIII, em 1893, «*Divino afflante Spiritu*», de Pio XII, em 1943, e também a recente Constituição dogmática «*Dei Verbum*», do II Concílio do Vaticano: não só se encontra ali reconhecida, a sã liberdade de pesquisa, mas recomenda-se também o esforço necessário para adaptar o estudo da Sagrada Escritura às necessidades de

hoje e para « realmente descobrir aquilo que o Autor sagrado quis afirmar » (Cfr. *Dei Verbum* n. 12).

Esta perspectiva prende a atenção do mundo da cultura e dá origem a novos enriquecimentos dos estudos bíblicos. Somos feliz que assim seja. Como sempre, a Igreja parece a guarda ciosa da revelação escrita; e hoje mostra-se animada por uma preocupação realista: tudo conhecer e tudo pesar com discernimento, interpretando de maneira crítica o texto bíblico. Assim, a Igreja, apresentando-se-lhe o modo de conhecer o pensamento dos outros, procura verificar aquele que lhe é próprio, e oferecer ocasiões de encontros leais e reconfortantes a tantos espíritos, rectos nas suas pesquisas. Ainda mais, a Igreja, também ela, encontra as dificuldades relativas à exegese dos textos duvidosos e difíceis, e experimenta a utilidade das diversas opiniões. Santo Agostinho já o notava: «*Utile est autem ut de obscuritatibus divinarum Scripturarum, quas exercitationis nostrae causa Deus esse voluit multae inveniantur sententiae, cum aliud alii videtur, quae tamen omnes sanae fidei doctrinaeque concordant*» (Ep. ad Paulinum, 149, n. 34, P.L. 33, 644).

E a Igreja exorta sempre, sobre a orientação de Santo Agostinho, a procurar as soluções para o estudo e para a oração em conjunto: «*Non solum admonendi sunt studiosi venerabilium Litterarum, ut in Scripturis sanctis genera locutionum sciant..., verum etiam, quod est praecipuum et maxime necessarium, orent ut intelligant*» (De Doctrina christiana, III, 56: P.L. 34, 89).

4. Mas, voltemos ao tema que constitui o objecto do vosso «Symposium». Parece-Nos que este grande número de análises e de reflexões acabam por confirmar, com a ajuda de novas investigações, a doutrina que a Igreja possui e professa no que se refere ao mistério da Ressurreição. Como notava, com perspicácia e delicadeza, o saudoso Romano Guardini, numa penetrante meditação de fé, as narrações evangélicas sublinham «muitas vezes, e com vigor, que o Cristo Ressuscitado é inteiramente diverso do Cristo antes da Páscoa e de todos os outros homens. A sua natureza, nessas narrações, apresenta algo de estranho. A sua aproximação perturba e enche de terror. Antes, Ele "vinha" e "ia"; agora Ele "aparece inesperadamente" ao lado dos peregrinos e "desaparece" (Cfr. Mc. 16, 9-14; Lc. 24, 31-36). As barreiras corporais, para Ele, já não existem. As fronteiras do espaço e do tempo já não o limitam. Ele move-se com uma liberdade nova, desconhecida na terra... mas, ao mesmo tempo, afirma com energia ser Jesus de Nazaré, em carne e osso, aquele que antes viveu no meio dos seus, e não um fantasma...». Sim, «o Senhor está transformado. Vive de modo que não é o mesmo de antes. A sua existência presente é incompreensível para nós. E, no entanto, ela é corporal, abrange toda a realidade do Salvador... compreendendo mesmo, através das suas chagas, toda a vida que Ele viveu, as suas vicissitudes, a sua paixão e a sua morte». E tudo isto não é apenas uma sobrevivência gloriosa do seu eu. Estamos diante de uma realidade profunda e complexa, de uma vida nova plenamente humana: «A penetração, a transformação da vida inteira, compreendendo o corpo, pela presença do Espírito Santo... Nós operamos esta mudança de perspectiva, que se chama fé e que nos leva a não considerar o Salvador em função do mundo, mas a considerar o mundo e todas as coisas

em função d'Ele. A Ressurreição desenvolve um germe que Ele sempre trouxe dentro de si». Sim, dizemos com Romano Guardini, que «temos necessidade da ressurreição e da transfiguração para compreender verdadeiramente o que é o corpo humano... Na realidade, só o cristianismo ousou colocar o corpo nas profundezas mais escondidas de Deus» (Romano Guardini, *Le Seigneur*, trad. R.P. Lorson, t. 2, Paris, Alsatia, 1945, pp. 119-126).

Diante deste mistério, ficamos tão profundamente admirados e maravilhados, como diante dos mistérios da Encarnação e do nascimento virginal de Cristo (Cfr. São Gregório Magno, *Hom. 26 in Evan.*, Ofício litúrgico do domingo in albis). Deixemo-nos, então, introduzir com os Apóstolos na fé em Cristo Ressuscitado, que é a única pessoa que nos pode trazer a salvação (Cfr. *Act. 4, 12*).

Tenhamos também grande confiança na segurança da Tradição que a Igreja garante com o seu magistério, estimulando o estudo científico e, ao mesmo tempo, continuando a proclamar a fé dos Apóstolos.

Estimados Senhores, estas palavras muito simples, que proferimos no término dos vossos importantes trabalhos, têm a única finalidade de vos animar a prosseguir, nesta mesma fé, sem jamais perder de vista o serviço do Povo de Deus, que foi inteiramente regenerado «pela Ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva » (*1 Ped. 1, 3*). E Nós, em nome d'Aquele « que esteve morto e reviveu » (*Apoc. 2,8*), d'Aquele « que é a testemunha fiel, o primogénito dos mortos » (*Ib. 1, 5*), damo-vos de todo o coração, em penhor de abundantes graças para a fecundidade das vossas investigações, a Nossa Bênção Apostólica.